

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Tarde

Class.: \_\_\_\_\_

Data: 10.11.92

Pg.: \_\_\_\_\_

### Morre Bahetá

Consuelo Pondê de Sena

O recente falecimento da índia Bahetá, da tribo Pataxó Hã-Hã-Hã, a última representante do velho tronco da reserva indígena Caramuru-Paraguaçu, no município de Pau Brasil, resultou da falta de apoio e assistência por parte do poder público.



O surto de cólera que se abateu sobre a reserva fez várias vítimas, tendo o cacique Wilson Jesus Peixoto afirmado que ali não se recebeu assistência médica, nem remédios necessários à prevenção e cura da epidemia.

Bahetá teve uma existência marcada pelo sofrimento, este mesmo padecer que tem sido imposto aos índios Pataxó Hã-Hã-Hã e demais grupos indígenas brasileiros pela massacrante sociedade nacional, em sua maioria, indiferente a sorte dos povos nativos.

Bahetá era a última falante da língua dos Pataxó Hã-Hã-Hã, sendo, por isso mesmo, uma figura muito querida e acatada no seio de sua gente.

Felizmente, a Comissão Pró-Índio de São Paulo publicou: Lições de Bahetá — sobre a língua Pataxó Hã-Hã-Hã, com auxílio da ADB (Algemeen Diakonaal Bureau Van de Gereformeerde Kerken in Nederland) e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Trata-se de um trabalho valioso, resultante de uma pesquisa na área da Antropologia Linguística, realizada, em 1982, no município de Itaju do Colônia (sul da Bahia), pelos professores Greg Urban (da Universidade do Texas, em Austin) e Maria Aracy de Pádua Lopes da Silva (USP). Através de Bahetá foram recolhidas 129 palavras e duas orações, cujas transcrições fonéticas e fitas magnéticas respectivas foram, ulteriormente, enviadas ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, em cujo centro foi elaborada uma grafia para as palavras coletadas, tarefa realizada pela professora Eni P. Orlandi.

Segundo Aracy Lopes da Silva (Comissão Pró-Índio-SP) (USP), que redigiu a apresentação das referidas lições: "As condições da pesquisa foram extremamente difíceis. A idade avançada, o fato de ser a única falante de uma língua sem interlocutor, o sofrimento de fazer renascer uma língua fadada ao desaparecimento e o custo psicológico deste processo, tudo isto exigiu de Bahetá um esforço sobre-humano: esforço profun-

damente reconhecido pelos herdeiros de seu povo. Tanto, que solicitaram à Comissão Pró-Índio de São Paulo a publicação dos resultados da pesquisa.

Bahetá morreu vitimada pela cólera, deixando seu povo mais pobre e infeliz.

Sabe-se, através do noticiário da imprensa, que um grupo de índios relatou a tristeza que se abateu na reserva indígena diante do desaparecimento da mais velha índia da sua tribo. Para denunciar o fato e registrar a morte, enviaram mensagem à Diocese de Itabuna e a alguns órgãos de saúde comunicando o desenlace da índia centenária, informando sentidamente: "Faleceu o nosso último tronco velho de nossa aldeia — a Barreta".

"Pedimos que seja celebrada uma missa em memória da Barreta (como a chamavam). Na oportunidade, vamos relatar a vida dessa índia, um pouco de sua história e vivência dela junto ao nosso povo", informa a mensageria taxó.

A missa foi celebrada, mas a dor de sua perda ainda é muito intensa, revoltando, ademais, aos índios a denúncia de Wilson Jesus Pataxó sobre a falta de assistência médica àquele povo.

Segundo ele próprio, representantes do governo visitaram a área e ficaram de mandar ajuda, remédios, mas até agora os índios não têm recebido os mencionados benefícios.

Para os que conhecem a trajetória heróica desse povo, as perseguições de que têm sido vítimas, os absurdos contra ele cometidos em 1940, 1942, 1943 e 1950, para assinalar apenas alguns momentos, a morte de Bahetá longe de ser um episódio natural marca o grande descaso com que são tratados os Pataxó Hã-Hã-Hã da Bahia, ao lado dos seus irmãos pertencentes aos demais grupos que vivem em nosso Estado e em nosso País.

Falta ao povo brasileiro a consciência de que é necessário preservar suas raízes e tradições, e que a defesa dos povos indígenas, que ainda habitam nosso território, é um dever patriótico ao qual nenhum de nós pode se furtar.

Entretanto, a luta dos Pataxó Hã-Hã-Hã, minuciosamente relatada na publicação divulgada pela ANA-Bahia, março de 1985, é apenas conhecida por um pequeno grupo de pessoas interessadas no estudo dos povos nativos.

Lamentavelmente, enquanto perdurar esta situação, outras figuras extintas das comunidades indígenas perderão a mingua dos recursos que os "civilizados" recusam oferecer-lhes.

Consuelo Pondê de Sena é chefe do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.